

INTRODUÇÃO

O Grupo Escolar General Osório, edificação situada na Praça Castro Alves, no centro do município de Ilhéus, teve grande influência na formação sociocultural da cidade, localizada na região sudoeste da Bahia, a cerca de 460 km de Salvador. Inaugurada em 1915 como a primeira escola pública daquele porte na cidade, a estrutura da edificação do colégio foi inspirada na *Belle Époque* francesa. Nesta época a região vivia anos de prosperidade por conta da lavoura cacaueteira, fonte da economia local.

A região de Ilhéus, a partir dos anos de 1900, sofreu transformações sociais ligadas ao avanço da economia, a princípio baseada na cultura agrícola do cacau. Neste período de prosperidade e riqueza foi erguido o prédio objeto deste trabalho. A instituição, que faz parte do centro histórico da cidade, modificou de sobremaneira a vida das pessoas da região, visto que foi o primeiro colégio de ensino público na região.

Nesta época a cidade ganhava seus primeiros órgãos de imprensa, o *Gazeta de Ilhéus*, *A voz do povo*, *A Lucta e Cidade de Ilhéus*. O município passou a contar com estradas de ferro Ilhéus x Vitória da Conquista, linha telefônica, iluminação pública, inauguração do Paço Municipal, matadouro, pontes e estações de telégrafos em distritos como, Banco da Vitória e Itabuna (na época distrito ilheense), CAMPOS, (2006). Além destes novos serviços, também foram instalados no município hotéis de luxo, serviços de abastecimento de água, rede de esgoto, porto, cinema e uma associação comercial. Enfim, um processo de urbanização que até hoje pode ser observado na arquitetura remanescente no município nas áreas centrais.

Este trabalho retratará a inegável contribuição do grupo escolar na formação sociocultural do município. A proposta do documentário objeto deste memorial é atingir as gerações que vivenciaram a existência do colégio, os educadores, apoiadores e alunos, e, mais ainda, aqueles que vivem atualmente na cidade e não têm conhecimento da representatividade que o colégio teve para o desenvolvimento da sociedade ilheense.

Ao longo do documentário, através de entrevistas e imagens do local, será revivido o processo de transformação do Grupo Escolar que posteriormente se tornou sede da

Biblioteca Pública Adonias Filho¹ e do Arquivo Público Municipal João Mangabeira (2002), até chegar a atual situação de negligência em que se encontra. Assim, pretende-se conscientizar a todos da importância de sua manutenção. A preservação da identidade da cidade a partir desse patrimônio histórico é um ato de cidadania, pois, o colégio General Osório faz parte de um momento de grande relevância na história do povo ilheense.

A partir dessa premissa nas imagens desta obra serão mostrados os aspectos físicos do prédio, destacando a importância da sua arquitetura na composição do Centro Histórico de Ilhéus. A edificação inspirou muitas construções na cidade que vivia a época de ouro do cacau, símbolo de luxo e riqueza.

Também serão retratados os aspectos socioeconômicos e culturais que estão ligados a todo o contexto da existência do prédio desde a sua criação, identificando as mudanças ocorridas na sociedade local. Por fim, será reiterada a importância da preservação da instituição para dar continuidade à história dos cidadãos e da cidade de Ilhéus.

¹ O nome foi dado em homenagem ao escritor e jornalista baiano nascido em Itajuípe, em 1915, época em que o município ainda era distrito de Ilhéus. Disponível em: < <http://www.adoniasfilho.com.br/biografia.html>>. Acessado em 10 de jan. 2014.

2 OBJETIVOS

O documentário *Colégio General Osório: uma história que precisa ser preservada*, obra cinematográfica de curta-metragem produzida como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/UFBA).

O objetivo desse trabalho é:

- Retratar a história do prédio do Grupo Escolar General Osório, através de uma narrativa contada com imagens e depoimentos daqueles que vivenciaram ou de alguma forma tem ligação e se interessa pela preservação daquele prédio, por considerar a sua importância para a memória e preservação do patrimônio da cidade.
- Contribuir para preservar a identidade da cidade a partir de um marco paisagístico, arquitetônico e cultural da história local, que influenciou no desenvolvimento do município de Ilhéus.
- Elucidar a importância da escola para o desenvolvimento da sociedade ilheense, destacando os aspectos físicos do prédio e suas características arquitetônicas, assim como, apresentar aspectos da memória social de Ilhéus acerca de seu patrimônio cultural.

3 JUSTIFICATIVA

3.1 Origem do projeto

Além do desejo de compreender melhor a história e a influência do Grupo Escolar General Osório na cidade de Ilhéus, o documentário é motivado pela própria experiência da pesquisadora, que viveu na região estudada e presenciou a situação de abandono em que se encontra um importante patrimônio histórico.

Por ser ilheense e ter uma vida marcada pela forte presença da instituição (pois foi nela que estudou da 5ª série até o 2º ano do ensino médio, período de sua adolescência, época de grandes transformações na sua personalidade e formação), a estudante sentiu necessidade de descobrir e contar a história desse lugar que se funde com a história do desenvolvimento sociocultural da região, que foi, em sua grande parte, marcada pela existência do colégio. Com isso, buscou-se uma fundamentação teórica que pudesse tornar compreensível esta intervenção.

Após a constatação da relevância cultural do grupo escolar, foi pensado realizar como projeto de conclusão de curso uma obra que além de relatar a história da instituição permita uma reflexão sobre memória e patrimônio, mais particularmente memórias sobre um lugar de memória que passou a ser este grupo escolar.

A realização do documentário também foi incentivada pelo longa *Narradores de Javé*², no que diz respeito à preservação da memória e identidade de uma população. A história fictícia, trata de um povoado chamado Javé, que está na iminência de desaparecer devido à construção de uma usina hidrelétrica. Para reverter a situação, os moradores que não concordam com a iniciativa têm a ideia de escrever a história daquele povoado, a fim de torná-lo patrimônio histórico e evitar que o mesmo seja inundado. Porém, apenas o personagem de João Biá é alfabetizado, e é procurado pelos moradores para contar a história do local.

A ideia dos moradores de Javé é criar uma memória do local, na tentativa de comprovar sua importância e fazer com que não aconteça a destruição do povoado. Mas a tentativa é em vão, o local desaparece ao ser inundado para construção da hidrelétrica e toda a memória, cultura e antepassados daquele povo desaparecem,

² NARRADORES DE JAVÉ. Direção: Eliane Caffé. Estúdio: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions. Distribuição: Riofilme. (Brasil): 2004

pois não há nenhum registro. Assim como na narrativa, o objetivo do documentário é apresentar a necessidade de preservar a memória da instituição, através de um registro da sua história.

O documentário *Grupo Escolar General Osório: uma história que precisa ser preservada*, também explora a capacidade do gênero de apresentar os aspectos da memória do grupo escolar. Assim, busca-se evitar um maior descaso para com a instituição. A história foi narrada em ordem cronológica, desde o período em que o prédio acumulou funções (funcionando também como Biblioteca, Delegacia Escolar e Cartório Eleitoral). Durante o documentário também foi retratada a época em que temporariamente abrigou a sede do Exército durante a Segunda Guerra Mundial e o período em que passou a funcionar como sede da Biblioteca Pública Municipal Adonias Filho e o Arquivo público Municipal João Mangabeira. Por fim, foi mostrada a situação atual em que a edificação se encontra.

3.2 Escolha do Gênero

Ao buscar uma forma de contar a história do colégio de forma criativa, detalhada e a mais fidedigna possível à realidade, surgiu a ideia de produzir um documentário que apresentasse os aspectos que torna a edificação um marco histórico para o município. A opção pelo gênero também se deu devido ao grande apreço pelo formato, que foi ainda mais aguçada a partir do contato com a disciplina “Seminários de atualização em comunicação”, ministrada pela professora Malu Fontes. Nesta disciplina eram exibidos e discutidos documentários sobre diversos temas, que cada vez mais despertava o interesse em desenvolver um documentário como trabalho de conclusão de curso.

A capacidade que esse formato tem de revelar de forma autêntica a história de um lugar ou de um povo incentivou a realização deste projeto. Segundo John Grierson (1926, apud LUCENA, 2012), “cabe ao documentário desenvolver esse ‘tratamento da realidade, mesmo que inclua a reconstrução de determinado acontecimento’”. Outro fator levado em consideração na escolha do gênero foi a grande possibilidade que o mesmo possui de atingir aos mais diferentes públicos e difundir com mais amplitude a história da edificação do Grupo Escolar General Osório.

Esta última característica ajuda a cumprir com o objetivo de despertar a consciência coletiva da população e possibilitar na sociedade discussões significativa sobre a necessidade do comprometimento das pessoas em preservar o patrimônio e desenvolver os instrumentos que constroem a identidade cultural de uma região, tal qual de uma edificação que participou da vida dos moradores de Ilhéus durante 80 anos.

A possibilidade de narrar uma história a partir do ponto de vista revelado nos depoimentos dos personagens, todos com relação direta ou indireta com a história do lugar, proporciona mais veracidade à narrativa. A capacidade que o documentário tem de através das imagens e de depoimentos, aproximar o espectador da realidade que está sendo retratada também foi fundamental para a escolha do gênero.

O documentário re-apresenta o mundo histórico, mostrando seu registro de uma perspectiva ou de um ponto de vista distinto. A evidência da rerepresentação sustenta o argumento ou perspectiva da representação. (NICHOLS, 2008, p. 67)

Para que o produto final seja detentor de sentido, o documentarista precisa seguir uma lógica pré-determinada. Esse alinhamento é sustentado por um argumento, que por sua vez, fundamenta o trabalho. Nas bibliografias sobre o gênero, observa-se como uma das suas particularidades a necessidade de existir uma afirmação sobre o mundo histórico para o desenvolvimento da obra e para conferir credibilidade e poder de persuasão ao argumento.

A montagem não só aprofunda nosso envolvimento com a história que se desenrola no filme como sustenta os tipos de alegação ou afirmação que o filme faz sobre o mundo. Costumamos avaliar a organização de um documentário pelo poder de persuasão ou convencimento de suas representações e não pela plausibilidade ou pelo fascínio de suas fabricações. (NICHOLS 2008. p. 57-58).

Apesar de existir diversos meios para contar a história da instituição, a narrativa contada através de imagens e sons é, por um lado, uma forma de recuperar a história do colégio e aproximar a realidade do telespectador, mas por outro, uma maneira de proporcionar à narrativa maior durabilidade e memória, podendo atingir diversas gerações.

A conservação e transmissão de imagens, sons e textos é, hoje, de uma confiabilidade sem precedentes. De igual modo, as tecnologias digitais são consideradas o melhor suporte para, com confiabilidade e durabilidade, se

armazenar uma grande quantidade de diversidade de informação.
(PENAFRIA, 1999, p. 20)

Segundo Bill Nichols (2008, p. 20), a tradição do documentário está profundamente enraizada na capacidade que o gênero tem de nos transmitir uma impressão de autenticidade. E essa é uma impressão forte. As questões sociais retratadas no documentário dão visibilidade aos aspectos que compõem a realidade social do mundo que já ocupamos e compartilhamos. Através das cenas, o telespectador pode compreender como a história foi construída e como a narrativa pode ser no futuro. Ao organizar as ideias o cineasta constrói novas visões de um mundo comum e cabe ao telespectador avaliar os argumentos e decidir se os pontos de vistas revelados na obra merecem ser entendidos como verdade.

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (NICHOLS, 2008, p. 27)

De acordo com Nichols (2008), o documentário não é uma reprodução da realidade, mas sim, uma representação do mundo em que vivemos. A narrativa contada na obra representa uma visão do mundo que talvez não seja conhecida do telespectador, mesmo que os aspectos do mundo que a obra abarque sejam familiares. A obra é, normalmente, julgada pela sua capacidade de parecer com o original, pela sua funcionalidade ao transmitir ideias ou conhecimento, bem como pela qualidade da sua direção.

Os documentários oferecem a experiência sensual de sons e imagens organizados de tal forma que passam a representar algo mais do que meras impressões passageiras: passam a representar qualidades e conceitos de natureza mais abstrata. (NICHOLS, 2008, p. 97)

Ao produzir um documentário, o cineasta assume um papel de porta-voz do público e trabalha a favor dos interesses dos outros. Relacionado a essa afirmação, Nichols (2008, p. 28) destaca que os cineastas podem representar o público, sujeitos dos temas de seus filmes, ou mesmo a instituição ou agência que patrocina sua atividade cinematográfica. Desta forma, a voz do documentário é um ponto de vista que se dá a conhecer, é uma forma de expressar um argumento ou uma perspectiva e, através dela, procura-se persuadir ou convencer o espectador.

Este documentário foi realizado em diversas etapas, tais quais: a elaboração de um planejamento estratégico para definir um cronograma de filmagens facilitado pela melhor viabilização dos aspectos logísticos, levantamento do orçamento geral dos custos de produção, levantamento de dados bibliográficos sobre o objeto, além da definição dos sujeitos, imagens e locais que descrevam com maior veracidade a história da instituição.

O filme, feito por uma pessoa ou uma produtora, passa por diversos estágios: desenvolvimento (quando surge a ideia, o roteiro definido, os recursos obtidos); preparação (quando fazemos o levantamento das necessidades do filme); pré-produção (em que definimos tudo que foi levantado na preparação); filmagem (também chamada de produção); e finalização (em que é dada a forma final do filme para exibição) (RODRIGUES, 2007, p.68).

Deve-se destacar também as dificuldades da produção do documentário em outra cidade, a mais de 400km de Salvador, a falta de equipamentos e estrutura necessários para realizar as filmagens e edição do material. Mesmo o intenso interesse pelo gênero e a realização de várias leituras sobre como realizar um trabalho do tipo não foram suficientes para garantir a segurança necessária para a sua total execução individual. Apenas o processo de pesquisa e desenvolvimento do roteiro, preparação, pré-produção foram realizados individualmente. Os processos de filmagem, edição e direção foram desenvolvidos através de parcerias com cinegrafistas e com editor.

Após as etapas de planejamento foram iniciadas as gravações. Neste momento foi fundamental pôr em prática as técnicas aprendidas ao longo do curso. É essencial a preocupação com o posicionamento de câmera, com os enquadramentos, foco, locação, iluminação, além de outros elementos, essenciais para a direção e o desenvolvimento do documentário. A obra 'Como Fazer Documentário' de Lucena (2012) foi essencial para compreensão, organização, e direção de todo o processo. Segundo o autor, após termos uma sinopse, um argumento e um roteiro, se iniciam as filmagens.

Nesse ponto começa a etapa mais importante do nosso trabalho, pois a obtenção de boas imagens, com qualidade técnica, é essencial para a produção de um bom filme. Imagens tecnicamente ruins ou que não sejam pertinentes ao tema em geral resultam em problemas na hora da edição. (LUCENA, 2012, p. 63)

A finalização do documentário se dá com a etapa de edição, através dela a obra audiovisual é realmente construída. É fundamental decidir a ordem cronológica das imagens para que a narrativa tenha um ordenamento e consiga atingir o telespectador.

Definir quais serão as sequencias iniciais do documentário implica em como introduzir o assunto ao espectador, como atizar a sua curiosidade para com aquilo que está por vir, como cativar a audiência, especialmente se o assunto não for muito familiar para a maioria. (SOARES, 2009, p.193)

Essa foi a questão mais discutida com editor a fim de realizar uma obra que fosse capaz de prender a atenção do público, por se tratar de um assunto pouco conhecido e de interesse de uma parte específica da população baiana.

3.3 Abordagem

De acordo com o cineasta Carlos Lucena (2012) fazer um documentário nos leva a criar considerações sobre alguma coisa que nos é muito próxima ou que queremos descobrir. No caso do documentário *Grupo Escolar General Osório: Uma história que precisa ser preservada* trata-se das duas coisas. É um objeto muito próximo e possui episódios da sua história que necessitam ser revelados.

Seguindo a divisão feita por Nichols (2008), o documentário pode ser compreendido em seis diferentes modos. Esses são derivados de períodos e movimentos, além de uma série de modos de produção que são caracterizados pelas formas viáveis de fazer cinema documentário. Os modos são identificados como:

o modo poético, o qual enfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal;

O modo expositivo que enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa;

O modo observativo, voltado ao engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta.

O modo participativo que enfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou formas de envolvimento ainda mais direto.

O modo reflexivo: chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário.

O modo performático. Enfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio engajamento do cineasta com seu tema e a receptividade do público a esse engajamento, Rejeita ideias de objetividade em favor das evocações e afetos. (NICHOLS, 2008, p. 62-63)

Apesar dos modos se tornarem relevantes em um determinado período e lugar, eles perpassam a época e tornam-se universais e atemporais. O contexto de surgimento e as limitações das formas de produção caracterizam o modo de produção, mas uma vez criado, misturam-se, e para definir um modo em uma produção, verifica-se o tipo que mais influenciou na concepção da obra. A proposta fílmica escolhida para relacionar cada um dos objetos selecionados para contar essa história é o documentário expositivo.

De acordo com Nichols (2008), o modo expositivo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica ou argumentativa do que estética ou poética. Nesse tipo de produção as cenas dirigem-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história.

Os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente. Numa inversão da ênfase tradicional do cinema, as imagens desempenham papel secundário. Elas ilustram, esclarecem, evocam ou contrapõem o que é dito. (NICHOLS, 2008, p. 144-145)

A escolha desse modo na produção do documentário estabelece um ritmo à narrativa proporcionando uma maior liberdade na seleção das imagens, bem como uma forma de transmitir as informações dentro da estrutura construída no filme. O uso do bom senso na retórica foi fundamental para que as argumentações pudessem ser feitas de acordo com a lógica do cineasta e da história, o que propicia uma economia de análise por parte do telespectador.

O documentário foi produzido a partir dos depoimentos de personagens que foram provocados pelo diretor. As declarações foram colhidas em entrevistas individuais e em encontros coletivos entre as fontes selecionadas que tinham conhecimento sobre a história do espaço. Não foi delimitado um número específico de fontes, foi ouvido o maior número possível de pessoas dentro do espaço de tempo disponível, o que ultrapassou o tempo delimitado no cronograma. A partir daí foram selecionados as declarações mais relevantes para compor o filme. Porém no período de edição essas fontes foram modificadas. Por conta de problemas técnicos apresentados nos vídeos o critério de seleção passou a ser a qualidade. Foi preciso selecionar os que apresentavam certo nível de qualidade e que apresentavam conteúdo necessário para compor uma narrativa coerente. Além das imagens coletadas nos depoimentos,

foram utilizadas fotografias de arquivos pessoais. O ato de relembrar os acontecimentos anteriores e ligar com o momento presente são fundamentais para a interpretação do documentário e para construir um argumento coerente. O filme pode se converter numa fonte de “memória popular”, dando-nos a sensação vívida de como alguma coisa aconteceu num determinado tempo e lugar. (NICHOLS, 2008)

O documentário faz um relato cronológico da história do colégio desde a sua fundação, passando pelo período em que foi transformado na Biblioteca Adonias Filho e, por fim, chegando a situação de abandono que se encontra atualmente.

3.4 Patrimônio e memória

Esse trabalho pode contribuir para o reconhecimento de uma instituição central para o desenvolvimento sociocultural e econômico do local. O colégio veio a representar um momento significativo da história de Ilhéus. Ele garantiu a inicialização e a continuidade dos estudos de milhares de alunos durante os anos de funcionamento. A instituição proporcionou melhor formação profissional dos estudantes, muitos deles ocupados em serviços e outros trabalhos da região. Em cada momento da sua trajetória, a edificação foi cenário para a execução de diferentes funções, tanto devido ao momento histórico vivido, quanto pelo seu papel educacional.

Justifica-se o processo de preservação conforme as políticas públicas que embasam tais ações, muitas delas relacionando patrimônio material e imaterial, com relação direta entre patrimônio e identidades locais. É nesse sentido que é possível identificar a memória local e regional do prédio, que, se traduzida como um documento permanecerá presente com todas as suas significações culturais, identitárias e ideológicas.

A mundialização, a massificação e a mediatização acabaram por contribuir para a “aceleração da história”², impulsionando uma busca incessante por se manter “lugares” que venham a representar a memória de uma respectiva identidade cultural. (NORA, 1993, p. 7)

A preservação da memória da instituição cristaliza um momento particular da história de Ilhéus. Esse momento desperta a vontade de dar continuidade à cultura do município, também influenciada pela atuação do colégio no local. Os processos preservacionistas revelam o próprio sentido da história e traduzem formas de

expressões sociais, bem como construções conceituais sobre o próprio patrimônio cultural.

Numa “cultura plural e conflitante”, em que “diferentes versões se contrariam”, estabelece-se uma multiplicidade de sentidos entre os conceitos de história, cidadania, passado, patrimônio, produção simbólica e material. Porém, uma preservação patrimonial somente encontraria sentido ao revelar-se enquanto expressão social por meio de sua significação coletiva. (PAOLI, 1992, p. 25)

O diálogo com a memória do colégio não é apenas uma forma de obter uma imagem congelada do passado apenas como uma herança coletiva, mas sim, um meio para expressar suas experiências sociais. Vale ressaltar que a história não precisa estar paralisada no passado, cuja visibilidade só faça parte da paisagem urbana e esteja destituída do seu sentido original. A busca pela preservação da instituição não acaba na reforma e manutenção do prédio, é necessário registrar o valor e a sua função social durante os anos de existência. Nas palavras de (CASTRO, 1991, p. 33).

O bem jurídico, objeto da proteção, está materializado na coisa, mas não é a coisa em si: é o seu significado simbólico, traduzido pelo valor cultural que ela representa”.(CASTRO, 1991, p. 33).

A função deste documentário é mostrar através da memória do colégio, o seu papel na formação sociocultural do município de Ilhéus. Pois, cabe à história relativizar a memória, seus usos e revitalizações e perguntar sobre a cientificidade da história enquanto representação do passado.

4 CONTEXTO E HISTÓRIA DO COLÉGIO

4.1 O sistema educacional em Ilhéus

Com população de cerca de 185 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a cidade de Ilhéus, também chamada de "Princesinha do Sul", possui o mais extenso litoral entre os municípios do estado da Bahia. Fundada em 1534, recebeu a emancipação político administrativa em 1881. A economia da região é baseada na agricultura, no turismo e na indústria. A "IOS", como também conhecida devido às siglas do antigo nome da cidade "São Jorge dos

Ilhéos", já foi o primeiro produtor de cacau do mundo, mas após ser atingida pela praga da vassoura-de-bruxa teve sua produção consideravelmente reduzida.

O sistema de educação na região foi desenvolvido pelos jesuítas no século XVIII. Os ensinamentos eram direcionados aos filhos dos colonos e aos curumins, os filhos dos indígenas. Os professores eram frades franciscanos e ensinava-se escrita, leitura, gramática latina, religião e bons costumes.

A situação econômica ruim do século XIX estagnou também a educação, e a cidade de Ilhéus não conseguiu desenvolver mecanismos para resolver o problema. O município passou a ser apenas uma vila de pescadores que produzia açúcar e arroz para o consumo local. Em 1805, o povo da cidade clamava ao Príncipe Regente D. João que solucionasse a deficiência educacional da Vila.

O governo português fez algumas tentativas de criar escolas na vila, mas a remuneração do professor era muito baixa. Em 1818, Von Martius, historiador que passou por aqui em um navio e escreveu sobre a Capitania de São Jorge, num comentário, denunciou o baixo nível intelectual da população de Ilhéus. (BARBOSA, 1994, p.43)

Ainda segundo o professor Barbosa (1994), em 1881, Ilhéus possuía duas escolas primárias para os dois sexos que funcionavam deficientemente. Dez anos depois a cidade possuía cinco escolas sendo três somente para crianças do sexo masculino. No início do século XX a situação econômica melhorou um pouco, mas ainda não se dava a devida importância para a educação na região.

A criação da escola complementar data de 1905. Nela, o aluno saído da escola elementar continuava os estudos, divididos em primeiro e segundo cursos. Estudava a língua vernácula, análises léxica e lógica, leitura, recitação de trechos, francês, aritmética, álgebra, geografia, história, ciências físicas e naturais, desenho e ginástica. (BARBOSA, 1994)

4.2 Surgimento da Escola

O Colégio General Osório, fundado em 1915, ensinava a meninos e meninas e teve a arquitetura aplaudida pelos profissionais e políticos da capital. O colégio possuía capacidade para abrigar 320 alunos, com ampla área externa. Atualmente existem

na região 364 escolas, mas o prédio em que funcionou a escola durante 80 anos encontra-se abandonado.

Marcado pelo progresso do século XX, a cidade sofreu um remodelamento e passou a contar com estradas de ferro, órgãos de imprensa, linhas telefônicas, estações de telégrafos, bancos, locais para entretenimento, calçamento moderno, rede de esgoto, iluminação elétrica dentre outros diversos serviços resultantes do desenvolvimento da região cacauzeira.

Muitas das benfeitorias aconteceram no quadriênio da administração do coronel João Cavalcante Mangabeira (1908-1911) que era também deputado federal. À época era possível acumular funções. No entanto, a maior parte do quadriênio Mangabeira ficou sob a administração de Arthur Lavigne, que foi presidente do Conselho da cidade e intendente interino.

O governo dos Drs. João Mangabeira e Arthur Lavigne fez muito pelo progresso de Ilhéus. Teve princípio a remodelação da cidade, começando a serem apagados os seus vestígios antigos desagradáveis, e antiestéticos, iniciou-se o alinhamento e o calçamento modernos das ruas, e praças, bem como o ajardinamento destas, inaugurou-se o serviço de abastecimento de água canalizada, contratou-se o serviço de iluminação elétrica e iniciou-se o de esgotos, assim como outros melhoramentos, a obra do grupo escolar, por exemplo, posteriormente concluídos” (CAMPOS, 2006, p. 502)

Neste período foi iniciada a construção do prédio do Grupo escolar, visto como promessa para marcar a história local. A grandeza da construção foi exaltada pelo professor Deoclécio Silva, regente da Escola Complementar de Ilhéus e correspondente local do *Jornal de Notícias*, para o qual escreveu na edição do dia 19 de janeiro de 1914 o relato com os seguintes trechos:

De todas as cidades do Estado, a mais interessante, pela posição em que se acha situada, excetuando a da capital, e o gosto artístico que se revela nas construções, Ilhéus possui a primazia [...]. A pequena baía de Ilhéus é rodeada de morros, alguns possuindo bons edifícios, construindo arrabaldes. E na própria cidade há propriedades invejáveis, públicas e particulares, estando em o número daquelas a da intendência municipal, e a em que vai funcionar o Grupo Escolar, a primeira sem similitude no interior do nosso Estado, e a segunda Bahia. (CAMPOS, 2006, p. 519)

Em 1914, enquanto era construído o grupo escolar a cidade contava 23 escolas. Sendo seis escolas estaduais primárias, que na época eram chamadas de cadeiras, uma complementar e dezessete municipais. Porém, nenhuma com estrutura arquitetônica igual ao prédio em construção. No período, as escolas existentes não

possuíam capacidade suficiente para comportar o número crescente de alunos na região.

O prédio do Grupo Escolar foi inaugurado no dia 31 de dezembro de 1915, sob a administração do coronel Antônio Pessoa. Porém, o prédio ainda esperava pelos últimos ajustes para a sua conclusão. A edificação foi construída no terreno doado pelo coronel Manoel da Silva Tavares, que assumiu a intendência da cidade e o funcionamento da escola a partir de 01 de janeiro de 1916, como Grupo Estadual General Osório.

No último dia do ano e da sua administração, o intendente senador, Antônio Pessoa inaugurou, embora inacabado, o novo e belo edifício do Grupo Escolar, o calçamento do cais e de outros logradouros públicos, havendo à noite banquete e baile no paço municipal. (CAMPOS, 2006, p. 531)

Em 1916 o Coronel Misael Tavares assume a intendência do município, e conclui os detalhes finais da obra do grupo escolar colando-o em funcionamento com classes divididas por gêneros. Este detalhe está evidente na própria arquitetura do prédio, onde se pode observar ainda hoje a divisão de sexo, de um lado existe ainda na fachada afrescos com a gravação escrita meninos e do outro está escrito meninas, e assim se dava a divisão onde cada sexo ocupava uma área do prédio. Além das disciplinas curriculares da época, eram obrigatórias disciplinas como educação física, ministradas no turno matutino, e trabalhos manuais como bordados, costura e tricô, ministrados no turno vespertino. Os trabalhos produzidos eram expostos no final do ano letivo na sede da Intendência Municipal.

No mesmo ano foi inaugurado o Instituto Nossa Senhora da Piedade, colégio administrado pelas freiras ursulinas que começa a funcionar apenas para o público feminino. Inicialmente, a comunidade estudantil era apenas composta de pessoas de baixo nível socioeconômico, mas com o passar dos anos o colégio absorvia alunos de classe média transferidos de diversas escolas particulares. Esse fator se deu em consequência da crise da região cacauzeira e principalmente da melhoria de qualidade da nossa escola, tanto no nível educacional quanto nas condições físicas, materiais e tecnológicas.

Na década de oitenta e início da década de 90 ainda estavam presentes os moldes educacionais dos regimes militares, com disciplinas como educação moral e cívica e educação para o lar. Tais disciplinas são sempre lembradas por alguns alunos da

época que descrevem com saudosismo os momentos de cantar o hino nacional nas grandes filas no pátio lateral da escola, onde hasteavam a bandeira nacional. Além das aulas que traziam ensinamentos aplicados no dia a dia dos alunos com dicas de higiene, saúde, alimentação dentre outras.

De acordo com alunos do grupo escolar, a localização privilegiada próximo ao mar, favorecia inclusive, as atividades de educação física, realizadas em quadras próximo ao colégio, localizadas em frente ao mar.

4.3 Outras Funções do Prédio

No ano de 1919, após quatro anos de funcionamento, o prédio do grupo escolar passa a ser ocupado pelas repartições da intendência municipal. O órgão foi transferido para o local devido ao risco de desabamento do prédio do Paço Municipal. A sede da intendência só retornou ao prédio do Paço Municipal em 1923, quando os reparos da estrutura tinham sido concluídos.

Não obstante achar-se reconstruído havia pouco tempo com o dispêndio aproximado de 700 contos de réis, verificou-se que o edifício da Intendência ameaçava ruir, pelo que todas as repartições municipais passaram a funcionar no Grupo Escolar. (CAMPOS, 2006, p. 565)

Esta não foi à única vez em que o prédio do Grupo Escolar foi cedido para abrigar outras instituições. Em 15 de novembro de 1930, com a ditadura da Era Vargas, 300 praças e 31 oficiais divididos em 10 pelotões estabeleceram o quartel general em Ilhéus, alojando-se no prédio do Grupo Escolar. Os oficiais montaram uma força militar para assegurar a ordem e garantir a consolidação do programa revolucionário nos municípios do sul do estado.

Depois de pequena ausência, tendo ido a capital tratar de viscerais interesses da comuna, voltava da Bahia o prefeito; vindo dali no mesmo vapor, desembarcou um contingente de 27 oficiais e 219 praças do 19 B.C. do G.B.C. do coronel João Facó, comandado pelo capitão revolucionário Omar Emir Chaves, que foi aquartelar no Grupo Escolar. E à noite, em comboio especial, chegou de Itapira, onde fora ter, saltando na Barra do Rio de Contas, e remontando o rio, outro contingente de quatro oficiais e 81 praças, do mesmo B. C., comandados pelo capitão revolucionário José Anselmo, acantonando igualmente no Grupo Escolar. (CAMPOS, 2006, p. 671)

No período da Segunda Guerra Mundial, o prédio, mais uma vez, abrigou a sede do tiro de guerra local, segundo relato de historiadores da cidade. Dentre eles o escritor “Barão de Popof”, que no período veio a servir ao Tiro no local.

Segundo as pesquisas de Campos (2006, p. 617), ao longo dos anos, o prédio do grupo escolar dispôs nas dependências do andar inferior órgãos de diferentes funções, dentre eles o posto odontológico Américo Barreira, voltado ao atendimento de crianças pobres e inaugurado no dia 10 de setembro de 1927. Inicialmente, o posto era mantido pela Associação de Cirurgiões Dentistas da Bahia e após alguns anos passou a ser administrado pela prefeitura.

Neste mesmo ano, foi inaugurado em 13 de maio, na praça em frente ao Grupo Escolar, o busto do Poeta Castro Alves, que até hoje se encontra no local e dá nome à praça. O evento foi oferecido pela instituição de ensino. Ainda em 1927 no dia 15 de outubro foi comemorado pelo Grupo Escolar, o Centenário da Difusão do Ensino Primário no Brasil. Na ocasião, o poder executivo comunal criou mais dez escolas primárias em diferentes distritos da cidade. O prédio também serviu como espaço para o primeiro clube agrícola na região, em 1935.

Na segunda metade do Século XX, o Grupo Escolar inaugurou no dia 19 de novembro de 1954, em um salão do andar térreo, a biblioteca Régis Pacheco. O cômodo atendia toda a sociedade ilheense e funcionava espaço para leitura e pesquisa. O acervo da biblioteca contava com mais de 100 livros de recortes, produzidos por funcionários do local. A biblioteca funcionou até os anos de 2001, período de extinção do colégio, porém sem a mesma qualidade no seu acervo. Estiveram à frente da sua organização Márcia Doria, Lindete Nascimento Marques, Adi Guerra, Maria Eugênia Pacheco e Nancy Brito.

No prédio também funcionava nesta época a sede da delegacia Escolar, hoje denominada Direc e instalada na av. Cidade Nova. O consultório odontológico continuava em funcionamento, além do cartório eleitoral, que ficou instalado no prédio nas décadas de 60 e 70.

Em 1964 o Grupo Escolar passou por uma reforma que durou aproximadamente seis meses. Durante esse período as classes foram instaladas provisoriamente na sede da Cruzada do Bem pelo Bem, e na sede do sindicato dos estivadores.

4.4 Regulamentação do grupo escolar, alunos ilustres, diretores e professores

Na década de oitenta, a atividade do grupo escolar é finalmente regulamentada através da portaria 2877 publicada no Diário Oficial de 6 de maio de 1980. Neste período a administração já estava a cargo do estado. Nesse momento da história, a importância do colégio para a sociedade ilheense já era inegável, tendo passado por ele, gestores e educadores prestigiados como: Eulina Vidal, Temistocles Rocha, Maria Coelho (interinamente), Nilza Vivas Ribeiro de Menezes, Clotilde Barreto do Amaral (interinamente) e Odete Carneiro de Andrade.

Nessa fase, o colégio era administrado pela diretora Maria da Luz Oliveira Pereira, que atuava desde o ano de 1957. Durante a gestão de Maria da Luz, que seguiu até o ano de 1989, o pátio lateral onde as crianças recreavam foi pavimentado com ajuda de pais de alunos e com verba arrecadada em eventos promovidos na escola. As aulas eram rigorosamente ministradas, com a assiduidade de todos os professores e o mobiliário estava em perfeitas condições de uso. Segundo a diretora, muitas vezes, as melhorias do prédio eram fruto de suas próprias economias.

Entre os professores mais antigos estão: Hélio Melo, Maria da Conceição Soares Lopes, Nair Pereira Amorim, Georgina Nogueira, Amarília Negrão, Amélia Figueiras Nunes, Áurea Guimarães, Felismina Guimarães, Maria José Rebelo Teixeira, Lúcia Diamantina, Édila Melo, Edimir Melo, Dorinha Barrau, Serafina Barrau, Vânia Lapa, Solange Pessoa, Dolores Vieira entre outros

Ex-alunos que figuraram como personalidades importantes da sociedade ilheense também passaram pelo grupo escolar. Entre eles estão, Dr. Accioli Cruz Moreira, Adi Brandão, Alípio Guerra Filho, Dr. Anésio, Dr. Ariston Cardoso, Áurea Lúcia Costa, Pastor José Antônio da Silva, Dr. Gilson Costa, Dr. Guilherme Adami Sá, João Alfredo Amorim de Almeida, Manoel Carlos e César, Maria José Fonseca Dórea, Maria Lúcia Teixeira de Araújo Góes, Dr. Halil Medauar, Dr. Nerival Rosa Barros, Sylvio Silva, Dr. Wilson Rosa entre outros.

4.5 Primeira tentativa de desapropriação do prédio

Em 1987 um requerimento do então vereador Paulo Moreira, apoiado pelo prefeito da época, Jabes Ribeiro, foi levado à votação sob manifestação de repúdio de

populares e vereadores. O texto solicitava que o Grupo Escolar General Osório, na época com cerca de 1500 alunos, fosse extinto e que o local abrigasse uma Biblioteca, Museu, Instituto Histórico e Fundação Cultural. Diante da pressão movida por populares houve grande inquietação na câmara municipal. O vereador Paulo Moreira chegou a agredir professores e pais de alunos alegando que os mais de 300 estudantes presentes no protesto foram induzidos pelos docentes. A tentativa do vereador Paulo Moreira foi frustrada.

4.6 Reforma e Ensino Fundamental

Após este episódio, no início da década de 90, o prédio passou por uma segunda grande reforma, na época sob a direção da docente Jacira Melo. As aulas dos turnos matutino e vespertino foram ministradas provisoriamente na Escola Horizontina Conceição, no bairro Hernani Sá e as do período noturno na Escola Municipal Osvaldo Ramos, na Avenida Itabuna.

Após a reforma que recuperou a rede elétrica e de esgoto, também foram reformados o forro das salas de aula, a cozinha, o depósito e os sanitários. Já os muros e fachadas foram recuperados conservando a sua arquitetura original de estilo neoclássico. O grupo escolar, o qual atendia apenas ao ensino infantil, passou a contar com a educação fundamental de 5ª a 8ª série. A portaria de autorização de número 1310 foi publicada no Diário Oficial em 19 e 20 de Janeiro de 1991.

4.7 Prêmio de qualidade e Ensino Médio

Nos anos seguintes o grupo escolar General Osório continuou se destacando entre as escolas públicas de Ilhéus e até da Bahia. Em 1997 conquistou o primeiro lugar no “Concurso Escola Qualidade” pelos trabalhos desenvolvidos desde 1991 com o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série. De acordo com a gestão da época, o prêmio foi fruto do trabalho de qualidade desenvolvido pela escola, comprovando o seu compromisso com a sociedade ilheense, desenvolvendo suas atividades com competência e participação dos familiares.

Durante esses anos a escola desenvolveu atividades extracurriculares que envolviam alunos e familiares em campanhas voltadas a proteção do meio ambiente. Eram realizados desfiles de conscientização, feiras de ciências e cultura, concursos

de poesia e projetos educacionais interdisciplinares. Além de festas onde participavam toda comunidade local. Em 1999 foi liberado o curso de aceleração na instituição, nele os alunos da educação de jovens e adultos do turno noturno podiam acelerar as séries do ensino fundamental em um programa de ensino específico.

No ano de 2000 tiveram início as primeiras turmas de ensino médio do Colégio estadual General Osório, com 302 alunos divididos em 6 turmas no turno noturno. A implantação do ensino médio foi realizada devido à boa avaliação da sociedade às atividades desenvolvidas pela instituição, juntamente com os órgãos de educação e pela necessidade de oferecer a continuidade dos estudos aos alunos que trabalhavam no comércio local. Neste mesmo ano foi autorizada, para ter inicio no mês julho, uma reforma na qual foram reparados os problemas de infiltrações, fiação elétrica da sala de informática e o sistema de escoamento de água da área interna.

4.8 Extinção do Colégio

Ainda em 2000 foi solicitado ao governo do estado, representado pelo governador Paulo Solto, que construísse um prédio anexo na área externa da escola, a fim de ampliar a quantidade de salas, mas a solicitação não foi atendida. Durante o período da reforma o colégio funcionou em um prédio alugado, onde atualmente funciona a escola particular de educação infantil, Status Baby.

Em 2001, o prefeito Jabes Ribeiro (que já havia tentado em sua primeira gestão no ano de 1987 reaver a posse do prédio, que, embora desenvolvesse atividades de escola estadual é de propriedade do município) conseguiu reaver a posse do prédio junto ao governo estadual, sob a alegação de que o prédio era de propriedade do município e que os alunos da escola eram na maioria de bairros próximos e argumentando que nesses bairros possuíam escolas próprias e com vagas disponíveis para a transferência dos alunos.

Com tais alegações o então prefeito conseguiu a extinção do colégio e seus alunos foram distribuídos entre as escolas da cidade de acordo com a localidade onde moravam. A maioria deles foi transferida para o Colégio Estadual Sá Pereira juntamente com o corpo docente da escola.

Professores e alunos se mobilizaram contra a extinção do colégio, na época com quase 1500 alunos de todos os bairros da cidade, inclusive, os mais distantes que fazem parte da zona rural como Aritaguá, São José, Sambaituba, entre outros. Esses alunos buscavam o grupo General Osório por ser referência em ensino público de qualidade na cidade.

Foram organizadas passeatas, abaixo assinados e diversas manifestações contra o fim da escola. Uma das vice-diretoras, Gracia Graciete, afirma ter sido punida por estar à frente de tais manifestações. Segundo Graciete, no ano de 2001, faltando apenas poucos dias para adquirir estabilidade no cargo de vice-diretora, foi exonerada da função em retaliação a movimentação contra a ação do prefeito. Ainda de acordo com ela, a sua exoneração foi a pedido do governo municipal na época, bem relacionado com o então governador do Estado, Paulo Souto. De nada adiantou a manifestação popular contra a ação, a vontade do governo municipal prevaleceu e definitivamente o funcionamento do prédio como colégio deixou de existir.

4.9 Biblioteca e Arquivo Público

Em 2002, o prédio foi entregue a sociedade ilheense reformado e funcionando como a nova Biblioteca Pública Municipal Adonias Filho e Arquivo Público João Mangabeira. Contava com salas de informática, sala de vídeo, salas de estudo e sala de pesquisa. No andar térreo ficava o acervo do arquivo público municipal, disponível para consultas.

De acordo com frequentadores da biblioteca, o acervo apesar de representativo, além do número de obras aquém do necessário, estava longe do ideal para uma cidade do porte de Ilhéus. Muitas obras eram desatualizadas e se encontravam em más condições de conservação, o que foi se agravando ao longo dos anos. Entre 2005 e 2011 o estado do prédio e do acervo tornou-se cada vez mais degradável.

Em março de 2011 o prédio foi interditado devido ao risco de desabamento. Em fevereiro de 2012 a justiça determinou que fosse feita reforma imediata, motivada por uma ação civil pública, impetrada por 96 cidadãos, que solicitavam da justiça providências para que aquele patrimônio fosse preservado, mas isso não ocorreu.

Em 7 de outubro de 2012, o prédio foi cedido para abrigar a nova sede do Teatro Popular de Ilhéus pelos próximos 20 anos. Na ocasião o diretor do Teatro Popular de Ilhéus, Romualdo Lisboa declarou: “Ficamos surpresos quando a prefeitura nos propôs a ocupação de um local que faz parte da identidade da sociedade ilheense” disse ele. Mas essa ocupação nunca aconteceu de fato.

Em 2013 o prefeito eleito em Jabes Ribeiro, o mesmo que foi responsável pela desapropriação do prédio e extinção do Colégio General Osório no início dos anos 2000 reassumiu a prefeitura municipal de Ilhéus e relocou o Teatro Popular para a Tenda Popular, espaço localizado na Avenida Soares Lopes. Com isso o prefeito declarou que o prédio do grupo escolar voltaria a funcionar como biblioteca e espaço cultural, assim que passasse por reformas.

Porém mesmo com a determinação da justiça que solicitava a reforma desde 2011 que até o final de 2013 o prédio permanecia em estado de total abandono, sob promessas de revitalização.

5 PROCESSO PRODUTIVO

Para realizar o processo de pesquisa e filmagem em Ilhéus, foram percorridos mais de 14 mil quilômetros entre Salvador e o município, no total de 16 viagens. Os primeiros passos foram dados ainda no dia 11 de julho de 2012, quando durante uma viagem à Ilhéus para visitar familiares, a pesquisadora aproveitou a oportunidade para iniciar o contato com uma possível fonte, o militante Carlos Mascarenhas. Na época, Mascarenhas programava um abraço coletivo ao prédio, em protesto a situação de abandono em que a edificação se encontrava. Na ocasião, a fonte não teve disponibilidade de um encontro presencial e foi realizado um contato telefônico, no qual a mesma se colocou à disposição para ajudar no que fosse preciso e propôs indicar outras fontes.

Em fevereiro de 2013, através de contato com o jornalista Randolpho Gomes do Jornal Diário de Ilhéus, foi publicada no periódico e em sites locais, uma nota produzida pela pesquisadora que divulgava a realização do projeto e solicitava contatos de fontes. Embora bastante divulgada, a publicação não rendeu muitos

contatos, exceto dois e-mails de ex-alunos parabenizando pela iniciativa e o contato com o secretário de Cultural do Município de Ilhéus, Paulo Atto. O secretário agendou uma reunião na sede da secretaria, no dia 15 de março. Durante o encontro, Atto tomou conhecimento do projeto e se colocou à disposição para viabilizar acesso ao prédio, indicar fontes, bem como, mediar o contato com o Prefeito Jabes Ribeiro. Ainda foi proposta uma parceria para disponibilizar o documentário para os visitantes do prédio, quando for reinaugurado como biblioteca e centro cultural.

Devido a falta de informações oficiais e quantidade insuficiente de obras literárias que oferecessem informações substanciais para o desenvolvimento do trabalho, optamos pela realização de entrevistas preliminares. As entrevistas foram realizadas com agentes da história da instituição e foram norteadas a partir dos conceitos de história oral, difundidos por Paul Thompson (1992). A utilização dos conceitos do autor foi uma indicação do orientador do projeto, quando constatadas as dificuldades da pesquisadora em levantar informações sobre seu objeto de estudo. Diante da falta de documentos oficiais, ou mesmo de uma quantidade relevante de elementos extraoficiais, as informações das ocultas seriam descobertas através de entrevistas. Os encontros revelaram não apenas as histórias individuais, mas também histórias de um grupo em comum.

O uso difundido da expressão "história oral" é novo, tanto quanto o gravador; e tem implicações radicais para o futuro. Isto não significa que ela não tenha um passado. Na verdade, a história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira espécie de história. E apenas muito recentemente é que a habilidade em usar a evidência oral deixou de ser uma das marcas do grande historiador. (THOMPSON, 1992, p. 45)

Entre os meses de março e agosto foram realizadas 10 visitas à cidade de Ilhéus para as atividades de pesquisas, levantamento e seleção de fontes, visitas aos arquivos e entrevistas preliminares. As visitas tinham como objetivo levantar a maior quantidade possível de informações sobre o objeto de estudo. E por se tratar de uma produção independente, sem ajuda de custo, as visitas de campo não seguiram um cronograma rígido, devido ao alto custo de cada viagem, em média R\$ 100,00 por trecho.

As viagens eram realizadas de acordo com as possibilidades financeiras da pesquisadora, porém sem perder de vista o prazo para a finalização do trabalho. Além das limitações orçamentárias, outra dificuldade encontrada nesta fase foi identificar fontes mais antigas com relação direta ou indireta com a história do local. Ao longo das viagens, algumas visitas não apresentaram nenhum resultado significativo para a pesquisa, devido ao cancelamento de algumas entrevistas por parte dos entrevistados.

No final do mês de agosto já havia sido realizado todo o processo de entrevistas preliminares, nas quais, a cada conversa uma informação nova surgia, o que possibilitava a montagem da história. A narrativa contou com informações obtidas em entrevistas, assim como em livros e documentos sobre a história do Grupo escolar e da cidade, cedidos por algumas fontes. Logo após o processo de pesquisa, foi realizado o planejamento para dar início às filmagens. Nessa etapa houve a opção de iniciar as filmagens antes da formatação de um roteiro. Foi produzido apenas um pré-roteiro para nortear as atividades, e a partir das primeiras entrevistas, o roteiro foi escrito.

Roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim. O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário. Continua com a definição dos personagens e das vozes que darão corpo a essa investigação. Inclui ainda a escolha de locações e cenários, a definição de cenas, sequências, até chegar a uma prévia elaboração dos planos de filmagem, dos enquadramentos, do trabalho de câmera e som, entre outros detalhes técnicos que podem contribuir para a qualidade do filme. [...] Outra peculiaridade do filme documentário, quanto a seu trabalho de roteirização, liga-se ao fato de muitos documentários serem "resolvidos" em sua fase de pós-produção. (SOARES, 2009, p. 16 -17)

5.1 Processo de Filmagem

O processo de filmagens durou em média quatro meses. As entrevistas foram gravadas com enquadramentos que permitissem cenas agradáveis que, em conjunto com a narrativa, fossem capazes de apreender a atenção do espectador. As cenas foram realizadas variando entre os planos: aberto, médio, primeiro plano e close. Essas variações se deram respeitando as condições de cada entrevista com o objetivo de evitar monotonia.

A variação de enquadramentos cria também uma maior dinâmica visual para o documentário, dinâmica muitas vezes usada para combater a

monotonia de uma entrevista longa tomada em plano único sem variação de enquadramentos. (SOARES, 2009, p. 139)

Durante esta etapa do trabalho algumas surpresas desagradáveis foram reveladas, tornando-se a fase com mais dificuldades de todo o processo. Inicialmente, o trabalho de filmagem e edição seriam realizados em parceria com o cinegrafista Matheus Pirajá, para tal, a pesquisadora arcaria com os custos de passagens e hospedagem do mesmo. Porém, devido ao surgimento de outros projetos e uma viagem internacional do cinegrafista, a parceria só aconteceu na realização da primeira etapa de filmagens nos dias 14 e 15 de setembro.

Após a gravação das primeiras imagens, o material foi analisado junto com o orientador do projeto, a fim de identificar a qualidade do material e se estava de acordo com o que vinha sendo programado até o momento. Foram analisados tanto o conteúdo das entrevistas, quanto do formato do material inicialmente proposto. Durante esse encontro foram discutidas ideias e programado um novo meio para a realização das filmagens, que passariam a ser produzidas por um cinegrafista contratado na cidade de Ilhéus.

No mês de novembro a pesquisadora permaneceu em Ilhéus durante uma semana. Nesse período, foi dada continuidade as filmagens, dessa vez realizadas pelo cinegrafista Ilheense Daniel Vita. Foram entrevistados o professor, Edu Neto, os historiadores, André Ros e Arléo Barbosa, as ex-vices diretoras, Ruth Anunciação e Gracia Graciete, o porteiro, Raimundo Borges, as professoras, Marilva Salomão, Rinalva Ocke, Roberta Halla, a ex coordenadora, Marilene Costa, além do fotógrafo e escritor, José Nazal Soub, o autor da Ação Civil Pública em prol da reforma do prédio, Carlos Mascarenhas, da ex-bibliotecária da Biblioteca Escolar Régis Pacheco Adí Guerra e Anabel Mascarenhas, frequentadora da biblioteca e filha da Senhora Adí Guerra.

Já no mês de dezembro, as filmagens tiveram continuidade no dia sete pela manhã, porém foram realizadas pelo cinegrafista Watson Souza, contratado devido a indisponibilidade de horário do Cinegrafista Daniel Vita, que só retornaria as suas atividades nas entrevistas agendadas no período da tarde. Esse episódio inesperado onerou ainda mais o custo do projeto, que nesse momento já havia ultrapassado as expectativas iniciais de gastos. Essa seria a última etapa de filmagens, se não fosse os problemas identificados na primeira fase de edição.

Durante a decupagem das entrevistas, foram identificados problemas de áudio e enquadramento na maioria das entrevistas realizadas pelo cinegrafista, Daniel Vita e a entrevista pelo cinegrafista Ericksson Góes. Por conta disso, algumas imagens externas e entrevistas teriam que ser realizadas novamente. Porém, devido ao período de festas de final de ano, relacionado ao fato das pessoas estarem em eventos familiares e muitas não se encontrarem na cidade, só foi possível refazer as imagens da fachada do prédio, da cidade e a entrevista com o historiador André Rosa, que estava com arquivo corrompido.

5.2 Processo de Edição

O processo de edição começou com a decupagem das entrevistas realizadas. Esta etapa foi realizada apenas pela pesquisadora, que iniciou o processo de edição com o editor contratado Gustavo Adolfo, o atual editor de imagens na emissora TV Aratu, em Salvador. Adolfo foi responsável pela conversão de todos os arquivos que estavam em diferentes formatos, devido ao fato do trabalho ter sido gravado com cinco câmeras diferentes, embora todas digitais, mas que acabaram por gerar arquivos distintos. Esse processo durou duas semanas, por conta da necessidade de baixar arquivos específicos para essa conversão e a quantidade de arquivos ser grande.

Enquanto esses arquivos eram convertidos, pesquisadora e editor definiram a trilha sonora que iria compor o documentário, a organização das imagens, escolhas de planos, as entrevistas principais, os trechos de destaque, bem como a utilização da voz off. A escolha foi feita a partir do roteiro, que permitia uma trilha em tom dramático, para momentos de denúncia quanto ao abandono do prédio e trilhas mais suaves utilizadas em outros momentos que não exigiam o drama. No processo de edição, para a montagem do filme, foi utilizado o recurso de voz off gravado na voz da própria pesquisadora.

Durante o processo final de edição foi identificado que mesmo após as conversões os vídeos apresentavam problemas sérios. Alguns foram completamente corrompidos, outros parcialmente. O áudio da maioria deles estava prejudicado devido à forma como foram gravados. Diante dessa problemática e da falta de tempo hábil para refazer entrevistas ou mesmo buscar outra forma de recuperação

desses arquivos que apresentavam problemas, foi necessário adaptar o roteiro ao material disponível.

Segundo Soares (2009), a escolha dos planos de cada cena orienta a montagem do documentário: “Entre roteiro e montagem, o processo de produção será marcado por um enxugamento gradual das partes menos essenciais ao filme” (SOARES, 2009, p.182). Aos poucos, as imagens e as sonoras foram tomando seu lugar no documentário e o trabalho foi sendo concluído. Cada escolha foi pensada considerando o material disponível e como seria possível montar um roteiro coerente a partir dessas imagens e sonoras e relacionando os critérios de maior relevância entre os personagens e a história da instituição.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do grande desafio de produzir um documentário, a necessidade de retratar a história do Colégio General Osório esteve presente em todos os momentos deste trabalho. Mesmo com a distância e com o curto tempo para a realização da obra, foi a crença na utilização do material como mecanismo de conscientização para a preservação da instituição, que impulsionou a realização do produto.

A preocupação em não conseguir finalizar o produto estava diretamente associada à falta de equipamentos, à distância e, principalmente, ao alto custo da produção. Desde o início dos trabalhos, no sexto semestre, com a elaboração do projeto e no sétimo com o desenvolvimento do projeto, ficava evidente a necessidade de um estudo mais detalhado sobre as etapas de produção do produto. A realização do documentário depende além das técnicas de filmagens e edição, de conhecimento mais aprofundado da linguagem do produto. Desta forma, foram importantes as leituras, principalmente, dos textos de Nichols (2008) e Lucena (2012).

Durante o levantamento das informações sobre a história que iria compor o documentário, os textos de Thompson (1992) e Nora (1993) foram fundamentais para orientar a formação da memória do colégio. No que se refere à história da cidade e do desenvolvimento sociocultural do município, o blog *Ilhéus... com amor! A história de São Jorge dos Ilhéus* proporcionou um mergulho da pesquisadora na cultura e na narrativa do local.

Além da busca pela preservação do colégio, outro motivo que motivou a realização do produto foi a vontade de adquirir novos aprendizados como a produção de um documentário. Durante as filmagens e entrevistas foi verificado o quanto o colégio influenciou na arquitetura, na formação cultural e econômica da região. Para os moradores, o prédio além de ser belo, incentivou o desenvolvimento de muitas pessoas que passaram por ele. Portanto, era importante que a discussão sobre a necessidade de preservação e memória do prédio fosse mais uma vez suscitada.

Ilhéus, um importante município para a história da Bahia, merece que o seu passado seja preservado para que o seu presente continue conhecido e a memória seja também um vínculo com o futuro. Mostrar a situação de abandono do prédio é uma tentativa para despertar o interesse nos moradores e no governo pela preservação do prédio e pela manutenção de uma história.

7 FICHA TÉCNICA

Título Original

Grupo Escolar General Osório: Uma memória que precisa ser preservada

Direção, Produção, Roteiro, Locução e Texto

Tarsilla Alvarindo

Som e imagens

Tarsilla Alvarindo

Matheus Pirajá

Daniel Vita

Watson Souza

Ericksson Góes

Edição

Tarsilla Alvarindo

Gustavo Adolfo

Trilha sonora cedida por:

Jorge Solovera

Ulysses Rocha

Depoimentos:

Luiz Moreira Castro

Adí Guerra

Anabel Mascarenhas

André Rosa

José Nazal Soub

Barão de Popof

Maria da Luz Pereira

Ruth Anunciação

Suely Pimenta

Jabes Ribeiro

Regina Macêdo

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Carlos Roberto Arléo. **Notícia Histórica de Ilhéus**. Colograf: Itabuna, 1994

CAMPOS, João da Silva. Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus. 3ª edição - Editus - Editora da UESC - Ilhéua , 2006

CASTRO, Sonia Rabello de. O Estado na preservação de bens culturais: o tombamento. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

História da Educação em Ilhéus. Disponível em:<
<http://ilheuscomamor.wordpress.com/2011/09/24/histria-da-educao-em-ilhus-i/>>.
Acessado em 20 de set. 2013.

HEINE, Maria Luiza. **Ilhéus... com amor!** A história de São Jorge dos Ilhéus. Disponível em:<<http://ilheuscomamor.wordpress.com/>>. Acessado em 05 de jul. 2013.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**. São Paulo: Summus, 2012.

NARRADORES DE JAVÉ. Direção: Eliane Caffé. Estúdio: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions. Distribuição: Riofilme. (Brasil): 2004

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 3ª. ed. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p.7-39. 1993.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In. **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário**. Lisboa, 1999.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.

RODRIGUES, Cris. **O cinema e a produção**. Piracicaba: Lamparina, 2007, 3ª Ed.

SOARES, Sérgio J. Puccini. **Documentário e roteiro de cinema**: da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papirus, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** - História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

ANEXO I

Inventário de Identificação do Prédio do Grupo Escolar General Osório atual Biblioteca Pública Municipal de Ilhéus

Realizado por Tarsilla Alvarindo a partir da ficha utilizada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro

Denominação: Biblioteca Pública Municipal Adonias Filho

Proprietário:

Localização: Praça Castro Alves, s/n – Avenida Soares Lopes

Município: Ilhéus BA

Época da Construção / Inauguração:

Inaugurado no início do Século XX, no dia 31 de dezembro de 1915.

Estado de Conservação:

Péssimo estado de conservação. Apresenta infiltrações, rachaduras e risco de desabamento.

Uso Original:

Edifício do Grupo Escolar (antes de se chamar Grupo Escolar General Osório).

Uso Atual:

Biblioteca Pública Municipal Adonias Filho (A biblioteca se encontra interditada devido ao risco de desabamento do prédio).

Componentes do Sítio:

Praças, residências, imóveis comerciais, igrejas, etc.

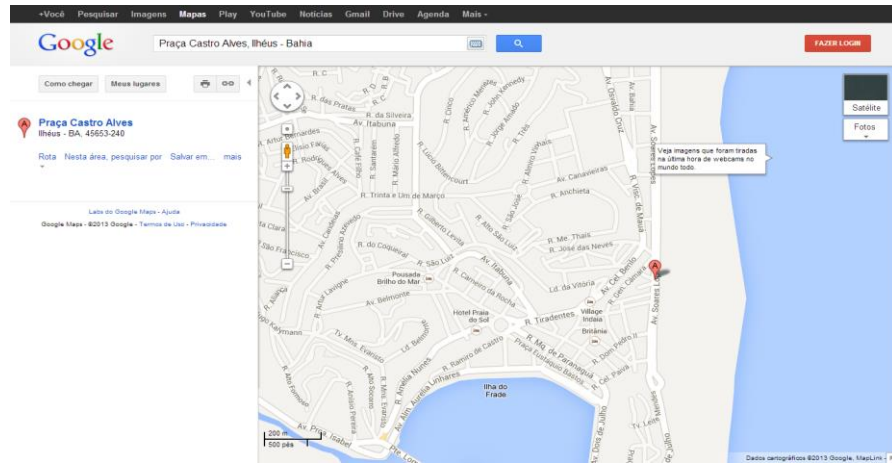
Proteção Existente:

Inventariado e protegido pela Lei Municipal 2.312/89, que cria e delimita o CENTRO HISTÓRICO da cidade de Ilhéus do qual o prédio faz parte.

Ação Proposta:

Recuperação do prédio e ocupação que seja capaz de preservar suas principais características.

Figura 1 - Localização do prédio



Fonte: Print Screen da localização do prédio no Google Maps. Acessado em 10 de ago. 2013.

Figura 2- Prédio na época da sua Inauguração



Fonte: Disponível em: << <http://ilheuscomamor.files.wordpress.com/2011/03/gg04.jpg> >>

Acessado em 10 de ago. 2013

Figura 3 - Imagem do Prédio Atual



Foto: João Elias Matos Correia, 2013.

Situação e Ambiência:

O prédio está situado na Praça Castro Alves - Avenida Soares Lopes, área central da cidade de Ilhéus, região Sul da Bahia. É composto por um pavimento cuja dimensão é de 25m de frente por 26,6m de fundos, um porão de 2,5m de altura, um pátio central com 120m², oito salas de aula com 48m² e acessos independentes para cada uma, além de duas áreas laterais livres.

Do lado esquerdo do terreno está situada a residência da família Matos que também possui grande valor arquitetônico no centro histórico da cidade. Do lado direito está a rua que liga a Avenida Soares Lopes à Rua Bento Berilo. No entorno do prédio existem imóveis residenciais, comerciais, duas das mais movimentadas ruas da cidade e a praia da avenida. De algumas salas é possível observar o oceano.

Imagens da parte externa do prédio



Foto: João Elias Matos Correia, 2013.



Foto: João Elias Matos Correia, 2013.

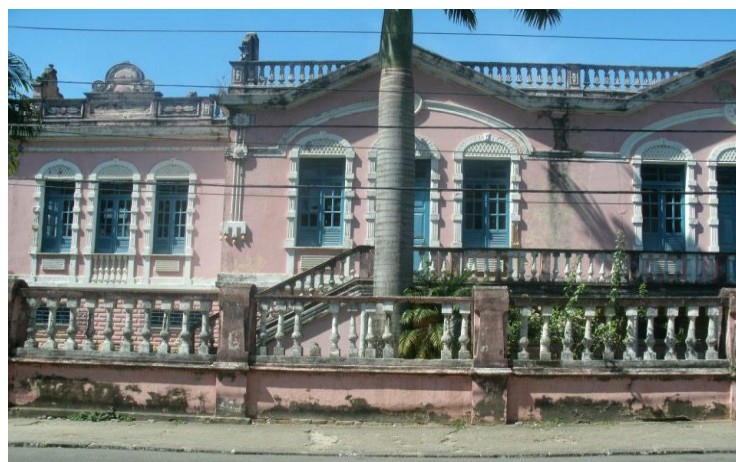


Foto: João Elias Matos Correia, 2013.



Foto: João Elias Matos Correia, 2013.



Foto: João Elias Matos Correia, 2013.

Características Arquitetônicas

Alguns historiadores afirmam que a arquitetura do prédio, inaugurado em 1915, foi inspirada na *Belle Époque*. Uma característica peculiar da construção foi o uso de trilhos de trem para compor sua estrutura.

Na fachada frontal é possível observar duas escadas que dão acesso a duas salas frontais e à diretoria, quatro janelas idênticas e simétricas (duas em cada lado)

e um recuo onde está localizada a diretoria com duas portas centrais. As duas fachadas laterais possuem cada uma dez janelas e três portas referentes às duas salas da frente, às duas laterais e a uma sala do fundo. A fachada do fundo possui quatro janelas. Na fachada frontal havia uma divisão de gênero, utilizada na época em que o colégio foi inaugurado, do lado esquerdo estudavam apenas pessoas do sexo masculino e do lado direito do feminino.

Todo o prédio é cercado por um muro de aproximadamente 2m altura. Sua estrutura foi planejada especificamente para abrigar uma escola. No primeiro andar ficavam a diretoria e as salas de aula, todas amplas e com entradas independentes através de escadas. Estas salas foram projetadas para abrigar em média quarenta alunos por sala e possuem janelões que proporcionam um ambiente arejado e bem iluminado durante o dia, ideal para um ambiente de estudo. Já o porão do prédio abrigava os sanitários, um depósito, a secretaria, a biblioteca, um pátio, a cantina, um salão e mais duas salas de aula.

Figura 4 - Pátio



Foto: João Elias Matos Correia, 2013.



Foto: João Elias Matos Correia, 2013

Figura 6 – Frontal



Foto: João Elias Matos Correia, 2013

Figura 7 – Fundos



Foto: João Elias Matos Correia, 2013

Estado Geral de Conservação

Com 98 anos de inaugurado, o prédio encontra-se em péssimo estado de conservação. Suas atividades foram suspensas em 2011 por conta do risco de desabamento, pois toda a estrutura da construção estava comprometida. As colunas de sustentação e as paredes apresentam rachaduras profundas, parte do teto já cedeu e outras apresentam infiltrações em vários locais. Portas e janelas estão soltas e danificadas e os muros laterais ruíram em alguns pontos. A caixa d'água, situada na lateral direita do prédio, também está ameaçada de desabamento e as escadas apresentam rachaduras nos degraus e corrimão.

Atualmente, o prédio está cercado por tapumes de madeira para evitar invasões. Contudo, essa medida não impede que moradores de rua e usuários de droga utilizem o local como moradia e façam uso indevido das dependências do prédio para a satisfação de suas necessidades fisiológicas. A imundície e o odor desagradável do local incomodam os moradores e transeuntes da região.

Figura 8: Fundo do prédio completamente comprometido



Foto: João Elias Matos Correia, 2013.

Figura 9: Sala de aula com estrutura completamente comprometida



Foto: João Elias Matos Correia, 2013

Figura 10: Parede da sala de aula com estrutura completamente comprometida



Foto: João Elias Matos Correia, 2013

Figura 11: Paredes e janelas da sala de aula com estrutura completamente comprometida



Foto de João Elias Matos Correia, 2013

Figura 12: Aviso sinalizando que o arquivo público estava interdido



Foto: João Elias Matos Correia, 2013

Figura13: Vigas e colunas internas com rachaduras



Foto de João Elias Matos Correia, 2013

Figura 14: Fundo das salas abandonadas



Foto: João Elias Matos Correia, 2013

O prédio faz parte do Centro Histórico da cidade de Ilhéus, cuja área foi delimitada pelo então prefeito João Lyrio, por meio da sanção da lei 2.312-89. Também fazem parte do centro Histórico o Teatro Municipal de Ilhéus, o Palácio Paranaguá, o Casarão de Misael Tavares, entre outros.

Até o ano de 2001 funcionou como escola. No ano seguinte, 2002, foi reformado e passou a abrigar a Biblioteca pública Municipal Adonias Filho e o Arquivo Público Municipal João Mangabeira. Após a reforma, a única intervenção positiva realizada no prédio foi uma pintura no ano de 2004. Nenhuma outra ação para manutenção ou melhoria do espaço foi realizada e a consequência disso foi sua interdição.

A mesma falta de cuidado observada para com o prédio aconteceu com o conteúdo que este abrigava. Após ser interditado, os acervos da biblioteca e do arquivo público permaneceram no local e muitas obras foram danificadas, diversos documentos sofreram danos e uma grande quantidade teve que ser descartada devido aos estragos causados pelas infiltrações.

Em 2011, por meio de uma ação civil pública, exigiu-se das autoridades que tomassem providência quanto à situação do prédio. O resultado foi um parecer favorável que ordenava início imediato da reforma, sob sujeição de multa diária caso a mesma não fosse realizada. No entanto, nem mesmo a determinação judicial foi suficiente para evitar a ruína do local. A sociedade inclusive organizou algumas ações para chamar a atenção dos responsáveis como um abraço coletivo e uma faxina geral, por exemplo. Ainda assim, as únicas ações realizadas foram a retirada do que sobrou dos acervos e a instalação de tapumes de isolamento. Até agosto de 2013 não se verificou nenhum indício reforma, e a situação se agravou após um incêndio provocado por moradores de rua.

Figura15: Fachada do prédio após pintura em 2004



Fonte: Disponível em: < <http://ilheuscomamor.wordpress.com/2012/06/14/grupo-escolar-general-osrio-um-pouco-de-historia/> > . Acessado em 10 de ago. 2013

Figura16: Prédio após pintura em 2004



Fonte: Disponível em: < <http://ilheuscomamor.wordpress.com/2012/06/14/grupo-escolar-general-osrio-um-pouco-de-historia/> > . Acessado em 10 de ago. 2013

Figura17: Prédio após pintura em 2004



Fonte: Disponível em: < <http://ilheuscomamor.wordpress.com/2012/06/14/grupo-escolar-general-osrio-um-pouco-de-historia/>> . Acessado em 10 de ago. 2013

Figura 18: Arquivo público



Foto: João Elias Matos Correia, 2013

Figura 19: Arquivo público



Foto: João Elias Matos Correia, 2013

Figura 20: Arquivo público



Foto: João Elias Matos Correia, 2013

Dados Históricos

Com o terreno doado pelo coronel Misael Tavares, o prédio do Grupo escolar de Ilhéus, primeiro de ensino público na cidade, foi inaugurado no início do século XX pelo então Intendente Coronel Antônio Pessoa, que mandou vir de Londres um fotógrafo para registrar o momento da Inauguração em 31 de dezembro de 1915.

Após algum tempo, passou a se chamar Grupo Escolar General Osório. Em seguida, tornou-se Colégio Estadual General Osório, sob responsabilidade do Estado e com ensino de 5ª a 8ª série.

Além da função de escola, o prédio já agregou outras funções em suas dependências. No porão do lado esquerdo funcionou durante muitos anos a Biblioteca do Regis Pacheco inaugurada em 1954, que pertencia à escola e também era aberta ao público. Do lado direito funcionou a delegacia escolar (que se tornou a DIREC) e o cartório da 25ª Zona Eleitoral.

Durante a segunda guerra mundial, devido a sua proximidade com a costa e zona portuária da cidade, as atividades escolares foram suspensas, os alunos distribuídos em outras unidades e o prédio passou a abrigar uma unidade do exército. Durante esse período se tornou o quartel do tiro de guerra, retornando à sua função de colégio ao término do conflito. Em 2002 passou a abrigar a Biblioteca Pública Municipal Adonias Filho e o Arquivo Público Municipal João Mangabeira.

Figura 21: Imagem da fachada do prédio digitalizada



Fonte: cedida pelo fotógrafo Jozé Nazal Soub, pertencentes ao seu arquivo pessoal.

Figura 22: Imagem da praça Castro Alves e da fachada do prédio digitalizada



Fonte: cedida pelo fotógrafo Jozé Nazal Soub, pertencentes ao seu arquivo pessoal.

Figura 23: Imagem da inauguração do prédio



Fonte: cedida pelo fotógrafo Jozé Nazal Soub, pertencentes ao seu arquivo pessoal.

Nesta última foto, ato de inauguração do “Grupo Escolar de Ilhéus” é possível identificar os coronéis Antônio Pessoa e Misael Tavares, o primeiro bispo de Ilhéus,

Don Manoel Antônio de Paiva, Monsenhor Evaristo, Manoel Rodrigues de Melo, Eustáquio Bastos, Miguel Alves, Virgílio Amorim, Durval Olivieri, Francisco Andrade e Ubaldo Ramos de Lima.

ANEXO II

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE VISITAS À ILHÉUS			
DATA	ATIVIDADE	CONTATO	RESULTADO
11.06.2012	Durante visita à Ilhéus para visitar familiares, aproveitei para fazer o primeiro contato, com uma possível fonte para o documentário.	Carlos Mascarenhas.	Na ocasião Carlos Mascarenhas programava um abraço coletivo ao prédio em protesto contra a situação que o mesmo se encontrava O contato foi feito por telefone, na ocasião não foi possível um encontro com a fonte, mas a mesma se colocou a disposição para ajudar e indicar novas fontes.
01.03.2013	<ul style="list-style-type: none"> • Veiculação de notícias no Jornal Diários de Ilhéus e nos sites locais, informando a realização do projeto e solicitando fontes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Randolpho Gomes (Jornalista) 	Jornal Diário de Ilhéus e Diversos sites e blogs publicaram a notícia.
15.03.2013	<ul style="list-style-type: none"> • Visita à Ilhéus para realização de pesquisas e reuniões com possíveis fontes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Atto, (Secretário de Cultura do Município) 	Após ler a nota divulgada no Jornal Diário de Ilhéus e se interessar pelo projeto fez um convite para uma reunião que aconteceu na fundação cultural de Ilhéus. Nela apresentei os objetivos pretendidos com a realização do documentário. Obtive uma resposta positiva do secretário que se colocou a disposição, para viabilizar acesso ao prédio, indicar fontes, mediar contato com o Prefeito Jabes Ribeiro, além de propor parceria para que o produto dessas pesquisas seja disponibilizado para apreciação durante visita no prédio quando o mesmo for reinaugurado como biblioteca e centro cultural. Indicou possíveis fontes e cedeu um cópia

		<ul style="list-style-type: none"> • Carlos Mascarenhas, organizador do abraço coletivo ao colégio. Um dos responsáveis pela ação civil pública que exigia providências para recuperação do prédio. • André Rosa (Historiador) 	<p>da ação Civil Pública encabeçada por ele e pelo jovem Ronaldo, para que pudesse utilizar nas pesquisas.</p> <p>Em um rápido encontro o historiador demonstrou interesse pelo trabalho e se colocou a disposição para a pesquisa e para entrevista.</p>
29.03.2013	Visita à Ilhéus com fins pessoais e realização de pesquisas e reuniões com possíveis fontes.	<ul style="list-style-type: none"> • Ruth Anunciação (professora aposentada que por muitos anos lecionou e ocupou o cargo de vice-diretora no colégio) 	<p>Em um encontro rápido na residência da professora, foi apresentada a ideia de realização do documentário. E solicitada a colaboração da mesma, que mostrou interesse em colaborar e se propôs a levantar algumas fontes, fotos e documentos da época em que trabalhou no local.</p> <p>Nesse primeiro momento indicou a professora Maria da Luz, que foi diretora do colégio por muitos anos. Porém devido ao período ser de feriado de Semana Santa muita gente não estava na cidade, inclusive a senhora Maria da Luz.</p>
27.04.2013	Visita à Ilhéus para realizar reunião agendada por telefone.	<ul style="list-style-type: none"> • Professora Maria da Luz Ex-diretora do colégio. 	<p>A fonte adoeceu e não pode me receber. Como dependia de algumas indicações dela nesse momento, para prosseguir com as pesquisas, pois encontrava dificuldades em levantar outras fontes, a viagem foi perdida. Não foi levantado nenhum dado novo para a pesquisa.</p>
11.05.2013	Visita à Ilhéus para realizar reunião agendada por telefone.	<ul style="list-style-type: none"> • José Nazal Fotógrafo e escritor 	<p>Durante entrevista preliminar o mesmo apresentou informações sobre a escola e imagens antigas para serem utilizadas no trabalho. Recomendou uma visita ao CEDOC da UESC.</p>

16.05.2012	Visita à Ilhéus para realizar pesquisas e reuniões com fontes	<ul style="list-style-type: none"> Paulo Atto (Secretário de Cultura) 	Durante a reunião conversamos sobre o encaminhamento do projeto e se dispôs a buscar junto ao curso de comunicação da Uesc uma parceria para a realização do trabalho, mas esse contato acabou não acontecendo.
17.05.2013	Visita à UESC para realizar pesquisas no CEDOC Reunião	<ul style="list-style-type: none"> João Cordeiro (Funcionário do CEDOC) Maria Luiza Heine (Professora Universitária) 	Com auxílio do funcionário, pesquisei em jornais da época em que o colégio foi inaugurado informações sobre o mesmo. Porém não obtive sucesso na pesquisa. Devido à falta de muitos arquivos que se perderam ainda na época em que o arquivo público da cidade se encontrava no Prédio do Grupo Escolar General Osório . Na ocasião a mesma se pôs a disposição para colaborar com a pesquisa e emprestou livros que colaboraram com o projeto.
31.05.2013	Visita à Ilhéus para realizar pesquisas e conversar com fontes	<ul style="list-style-type: none"> Arléo Barbosa (Historiador) 	Conversa preliminar sobre a história do grupo escolar. A fonte indicou livros onde poderia encontrar informações sobre o colégio.
30.06.2013	Visita à Ilhéus	<ul style="list-style-type: none"> Jamile Catarino e Itaciara Matos 	Ex-alunas da escola sugeriram nomes de ex-professores para serem entrevistados, e se colocaram a disposição para entrevista.
30.07.2013	Visita a Ilhéus para realizar pesquisas e conversar com fontes. A visita durou até o dia 05.08.2013	<ul style="list-style-type: none"> Ernesto (responsável pelo setor de colégios extintos da direc) 	A fonte não estava presente. Fiquei de retornar após dois dias, quando o mesmo retornaria ao trabalho.

31.07.2013	Visita ao Colégio Antônio Sá Pereira - Ilhéus para pesquisas. A maioria dos alunos e professores do Colégio General Osório, foi transferida para essa escola.	<ul style="list-style-type: none"> • Sérgio Nogueira (Diretor) • Professoras: Julita, Rita Pimenta e Roberta Halla. 	Apresentei a ideia do projeto ao diretor e aos professores, que se interessaram e indicaram outras fontes. Tive acesso ao livro de ata de Criação da Biblioteca Régis Pacheco em 1954. Fui orientada pelo professor a retornar a Direc em busca de informações e documentos.
31.07.2013	Reunião do conselho municipal de cultura	<ul style="list-style-type: none"> • Membros do conselho Municipal de Cultura 	<p>Estava entre as pautas da Reunião, a intimação recebida pelo conselho de cultura que responsabilizava o mesmo pelo estado em que se encontra o prédio, Acusando-o de omissão.</p> <p>Durante a reunião foi informado pelo secretário de Cultura que foi liberado processo de licitação para a reforma do prédio.</p> <p>De acordo com o presidente do conselho a defesa apresentada pelo conselho foi acatada. Porém o mesmo continuaria entre os réus nos processo até a sua conclusão.</p>
01.08.2013	Retorno à Direc	<ul style="list-style-type: none"> • Ernesto (responsável pelo setor de colégios extintos da direc) 	O senhor Ernesto responsável pelo setor de colégios extintos informou que não havia nenhum tipo de documento referente ao General Osório nos arquivos. De acordo com ele todo o material referente ao colégio, havia sido enviado para o colégio
01.08	<p>Visita a Academia de Letras de Ilhéus</p> <p>Conversa Preliminar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Eliane Higino • André Rosa (Historiador) 	<p>Durante toda a tarde realizei pesquisa em todas as pastas de membros da academia, a fim de levantar informações sobre quais deles haviam estudado no local. Porém os arquivos não estavam bem organizados e em várias pastas faltavam informações. Por conta disso não foi possível levantar informações relevantes para a minha pesquisa.</p> <p>Em conversa preliminar foram levantadas diversas informações sobre a escola, e as diversas funções que o prédio já abrigou.</p>
02.08	Conversa preliminar	<ul style="list-style-type: none"> • Maria da Luz 	Durante conversa preliminar foram

		(Ex-diretora)	levantadas diversas informações sobre a escola no tempo em que foi diretora da instituição.
02.08	Conversa Preliminar	<ul style="list-style-type: none"> Marina Andrade Professora 	Durante conversa preliminar foram levantadas diversas informações sobre a escola no tempo em que foi professora da instituição
02.08	Abertura da Conferência Municipal de Cultura	<ul style="list-style-type: none"> Professora Sueli 	Durante evento de abertura da conferencia ocorreu encontro casual com a professora Sueli Pimenta, que conheceu o projeto e se interessou em participar.
03.08	Conferência Municipal de Cultura		Durante a conferência foram discutidas diretrizes para o campo da cultura na cidade. Durante o evento foi discutido o destino do prédio escolar, e colocado entre as prioridades de ações culturais no Município. Mas as discussões não avançaram.
05.08	Conversa Preliminar	<ul style="list-style-type: none"> Marilva Salomão (Professora Aposentada) 	Durante conversa preliminar foram levantadas diversas informações sobre a escola no tempo em que foi professora e posteriormente funcionária da delegacia escolar que funcionou no prédio.
05.08	Conversa Preliminar	<ul style="list-style-type: none"> Alina Lemos 	Durante conversa preliminar foram levantadas diversas informações sobre a escola no tempo em que foi professora da instituição.
05.08	Conversa Preliminar	<ul style="list-style-type: none"> Barão Popof 	Durante um rápido encontro que ocorreu por acaso no centro da cidade, a fonte informou que serviu ao tiro de guerra no prédio e agendou uma entrevista para o dia 10.08.2013
10.08	Retorno à Ilhéus para realizar pesquisas e conversa preliminar pré-agendada com fonte.	<ul style="list-style-type: none"> Barão Popof Sr. Jessé (Ex- 	O entrevistado marcou encontro ao qual compareci no horário marcado, porém o mesmo teve um problema pessoal e não pode ir ao encontro. Na ocasião o ex-funcionário da Direc me

		Funcionário da Direc)	entregou os livros enviados ao órgão, pedindo de autorização para o funcionamento do ensino médio na escola.
14.09 15.09	Visita à Ilhéus para realizar as primeiras entrevistas gravadas	<ul style="list-style-type: none"> • Barão de Popof (escritor) • Sr. Luiz (ex aluno) 	Entrevista realizada na residência do entrevistado Entrevista Realizada na residência do entrevistado
08.11	Visita à Ilhéus para realizar a segunda etapa de entrevistas gravadas	<ul style="list-style-type: none"> • André Rosa • Edu Neto 	Entrevistas Realizadas nas respectivas residências dos entrevistados
18.11 18.11	Visita á Ilhéus que durou até o dia 22.11.2013 para realização da terceira etapa de entrevistas Visita ao Ministério Público para agendar entrevista com promotora responsável pela ação que solicita reforma imediata do prédio.	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo Atto • Rafael Lordelo 	Durante reunião solicitei agendamento de entrevista com o prefeito e liberação de uma equipe da guarda municipal para acompanhar equipe de gravação para fazer imagens no interior do prédio. Solicitei agendamento de entrevista e aguardei contato para a confirmação.
19.11	Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Ruth Anunciação (ex vice-dirretora) 	Entrevista Realizada na residência da entrevistada
20.11	Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Sr. Raimundo Borges 	Entrevista Realizada no local de trabalho atual do entrevistado, o colégio Fênix. Entrevista Realizada na residência da entrevistada

		<ul style="list-style-type: none"> • Marilva Salomão • Rinalva Ocké 	Entrevista Realizada na residência da entrevistada
21.11	Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Dr. Karina (Promotora do Ministério Público) 	Entrevista apenas de áudio, a entrevistada não permitiu a realização de um vídeo.
22.11	Entrevistas	<ul style="list-style-type: none"> • Arléo Barbosa (Historiador) • Gracia Graciete (Ex. Professora) • Roberta Halla • Prefeito Jabes Ribeiro • Paulo Atto 	<p>Entrevista Realizada na residência do entrevistado</p> <p>Entrevista Realizada na residência da entrevistada</p> <p>Entrevista Realizada na residência da entrevistada</p> <ul style="list-style-type: none"> • O cinegrafista do teve um problema de saúde na família e não foi possível realizar as entrevistas devido a falta de equipamento e cinegrafista.
30.11	Visita à Ilhéus para realizar a quarta etapa de entrevistas	<ul style="list-style-type: none"> • Marilene (ex-coordenadora) • José Nazal 	<p>Entrevista Realizada na residência da entrevistada</p> <p>Entrevista Realizada na residência do entrevistado</p>
07.12	Viagem à Ilhéus para realizar a quinta etapa de gravação	<ul style="list-style-type: none"> • Guarda Municipal acompanhou a entrada no prédio para realização de imagens internas. 	Imagens do prédio foram gravadas

	Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Prefeito Jabes Ribeiro • Regina (Ex-Bibliotecária da Biblioteca Adonias Filho) • Carlos Mascarenhas • Adí Guerra (ExBibliotecária da Biblioteca Escolar Régis Pacheco) • Anabel Mascarenhas (Filha da Senhora Adí Guerra frequentadora da Biblioteca) • Zélia Vieira 	<p>Entrevista Realizada no Palácio Paranaguá (sede da Prefeitura)</p> <p>Entrevista Realizada no Palácio Paranaguá (sede da Prefeitura)</p> <p>Entrevista Realizada na residência do entrevistado</p> <p>Entrevista Realizada na residência da entrevistada</p> <p>Entrevista Realizada na residência da entrevistada</p> <p>A entrevista não foi realizada, pois no horário marcado a entrevistada não atendeu o telefone que deu como contato, mesmo após várias tentativas não foi possível contata-la.</p>
08.12	Entrevista em grupo	<ul style="list-style-type: none"> • Sueli Pimenta (Professora) • Cristiane (Professora) • João Elis Matos (ex-aluno) 	<p>Entrevista Realizada em grupo,. na Praça Castro Alves, em frente ao prédio do antigo Grupo escolar General Osório. Alguns alunos e professores que haviam confirmado presença não compareceram.</p>

08.12	Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Itaciara Matos (ex-aluna) • Jamille Catarino (Ex -aluna) • Ana Paula Carvalho (ex-aluna) • Maria da Luz (ex diretora da escola) 	Entrevista Realizada na residência da entrevistada
27.12	Imagens externas e da fachada do prédio		Imagens Gravadas em vários pontos da cidade feitas pelo cinegrafista Everton Góes
04.01	Entrevista André Rosa	<ul style="list-style-type: none"> • André Rosa 	Entrevista Realizada no terreiro de candomblé frequentado pelo entrevistado, onde ele desempenha funções . O arquivo da primeira entrevista com o historiador André Rosa foi corrompido, por conta disso, foi gravada uma nova entrevista.